

Word Work World: o universo da palavra dada

Word Work World: the given
Word universe

ELIDA TESSLER

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
— Brasil / PPG Artes Visuais
elidatessler@uol.com.br

Resumo

Este texto, acompanhado por um pequeno ensaio visual, visa apresentar uma proposição artística intitulada “Você me dá a sua palavra?”. Neste contexto, pretendo estabelecer relações entre o artista e o espectador, quando este é participante da obra. “Você me dá a sua palavra?” é um trabalho iniciado por mim em 2004 na cidade de Macapá (AP/Brasil) e vem se desenvolvendo como um work in progress, de agora em diante renomeado word in process, o que inclui seus desdobramentos nos últimos anos, como instalações, livros de artistas e narrativas escritas. O procedimento que venho mantendo é simples: peço a palavra, solicitando que esta seja escrita em um prendedor de roupas de madeira, na língua materna do interlocutor. A palavra é dada e origina uma escrita aberta. O fio do varal é a linha do poema anônimo, contorno de um horizonte provável, verso e reverso do cotidiano manuscrito. Surge aqui o atributo da escolha: uma palavra entre tantas possíveis, onde um significante escorrega de mão para mão. Venho pedindo a palavra àqueles com quem me deparo nas mais comuns e diversas situações do dia-a-dia. Estas pessoas fazem da vida um delicado fio que sustenta o imaginário de cada um de nós.

Palavras-chave

Arte Contemporânea | Literatura | Palavra Escrita | Utopia | Falas Inacabadas

—
Abstract

This text, accompanied by a short visual essay, aims to present an artistic proposition entitled “Do you give me your word?”. In this context, I intend to establish relations between the artist and the spectator, when he is a participant in the work. “Do you give me your word?” is a work started by me in 2004 in the city of Macapá (AP / Brazil) and has been developing as a work in progress, henceforth renamed word in process, which includes its developments in recent years, such as installations, artist’s books and written narratives. The procedure I have been keeping is simple: I ask for the word, requesting it to be written on a wooden clothespin in the speaker’s mother tongue. The Word is given and gives rise to open writing. The line of the clothesline is the line of one anonymous poem, on a contour of a probable horizon, verse and reverse of every Day manuscript. Here arises the attribute of choice: one word among as many as possible, where a signifier slips from hand to hand. I have been asking for those who I come across in the most common and diverse situations of everyday life. These people make life a delicate thread that supports the imagination to each of us.

—
Keywords

Contemporary Art | Literature | Written Word | Utopia | Unfinished Utterances

Margem da palavra
Entre as escuras duas
Margens da palavra
Clareira, luz madura
Rosa da palavra
Puro silêncio, nosso pai
— Caetano Veloso

Água da palavra

Você me dá a sua palavra? é um trabalho que nasce como um olho d’água. Do nada, do deserto, do calor, do subterrâneo, e sobretudo de uma esperança. Esta proposição aposta no fluxo da linguagem, onde um gesto simples torna-se ato de criação. Tudo acontece a partir de uma decisão: Eleger um objeto do cotidiano e acreditar em

Como procedimento inicial, peço a palavra, solicitando que esta seja escrita em um prendedor de roupas de madeira, na língua materna do interlocutor. O fio do varal é a linha do poema anônimo, contorno de um horizonte provável, verso e reverso do cotidiano manuscrito. Surge aqui novamente o atributo da escolha: uma palavra entre tantas possíveis, onde um significante escorrega de mão para mão. Desta forma, desde o mês de novembro de 2004, venho pedindo a palavra às pessoas com as quais me deparo nas mais comuns e diversas situações do dia-a-dia. Estes sujeitos fazem da vida um delicado fio que sustenta o imaginário de cada um de nós.

Transformar uma coisa em outra. É este o sentido da arte, no qual busco o alento do cálculo incorreto, do número variável, da adição em que prevalece a unidade do objeto em sua radical presença, pois uma palavra escrita em um prendedor de roupas solta a metáfora da poesia, quando um objeto guarda suas qualidades físicas mas modifica a sua finalidade primeira, anunciando micro revoluções. E aqui estão colocadas, simultaneamente, a soma e a diferença entre a palavra dita e a palavra escrita: a utopia em um pequeno intervalo de tempo e espaço imensuráveis.

Proa da palavra

Neste caso, uma pergunta gera outra pergunta. Na maioria das vezes em que proponho “*Você me dá a sua palavra?*”, nos mais variados idiomas, surge imediatamente a seguinte questão: “Pode ser qualquer palavra?”, o que já considero uma acrobacia da proposição por tratar-se de um lance do pensamento rumo a uma possibilidade extremamente ampla. *Qualquer palavra*. Reforço o pedido repetindo o que é essencial: *a sua palavra*. Como se este apontamento fosse o suficiente para sublinhar o caráter íntimo de minha solicitação, o chamamento por aquilo que vem de dentro, e que pode gerar um discurso próprio: A sua palavra, aquela que pode identificar o sujeito, fazendo-o reconhecer em si um atributo ou um ideal. Da proa da palavra avista-se um horizonte. Qualquer palavra, quando escrita em um prendedor de roupas torna-se subitamente uma palavra especial.

Margem da palavra

Aquele que solicita a palavra sabe que não está pedindo pouco, e quem escreve deposita uma confiança ímpar em seu destinatário. Há aqui uma relação com a palavra de honra, com a manutenção da palavra dita ou escrita, assumindo uma postura ética diante do mundo, entre verdades e mentiras que na maioria das vezes ultrapassam o caráter literário ou ficcional de nossa subjetividade para chegar aos paradoxos do contexto social e político onde cada um de nós vive, e com os quais combate da maneira como pode. Escrever é sempre um ato de resistência. Neste momento, gostaria de situar as origens deste trabalho, relacionados ao meu processo de criação. Sendo convidada pela hoje extinta FUNARTE, Fundação Nacional de Arte vinculada ao Ministério da Cultura no Brasil, para participar de um evento envolvendo deslocamentos de artistas

brasileiros em todo o território nacional, o meu destino foi definido como sendo o Amapá, mais precisamente a cidade de Macapá, capital deste Estado da Região Norte do país. Sabemos que esta é uma área de desmatamento intenso, com o objetivo de exportação de madeira triturada, às margens do Rio Amazonas. Paradoxo inconcebível: o desenho urbano desta cidade fica sem a sombra de árvores que poderia amenizar intenso o calor equatorial. Antes de partir para esta viagem, que ainda hoje considero uma linha de horizonte vertical, pois venho do extremo sul do país, fui em busca de algumas informações consultando o mapa do território brasileiro. Neste momento, surgiu para mim uma espécie de partitura, com um diagrama sonoro a partir das palavras Amapá, o mapa e uma pá. Ou seja, uma rima entre gêneros e objetos deste projeto de trabalho.

Assim, segui com a ideia de que iria viajar acompanhada por um mapa, que seria o correspondente masculino de Amapá e uma pá capaz de abrir um buraco em terrenos diversos. Chamo a atenção para o fato de que, ao comprar a ferramenta em uma loja de materiais de construção em Porto Alegre, segui a denominação funcional de uma pá carregadeira, ao invés de uma pá de corte, ou uma pá de jardim ou pá cimenteira. Carregar uma pá carregadeira ao Amapá, tendo em mãos um mapa já seria um exercício taurológico.¹ O que segue é que, chegando ao meu destino, soube que o prefeito da cidade estava detido pela Polícia Federal desde a véspera, o que gerou uma tensão política em todo o Estado, impossibilitando inclusive a continuidade do evento tal como ele havia sido planejado. De minha parte, mudei também o rumo da proposição com uso das pás e do mapa, optando por adquirir todos os prendedores de madeira que pude encontrar naquele dia, naquela cidade. Isto porque também formulei uma pergunta ao motorista que me conduzia ao hotel, questionando as razões pelas quais o prefeito encontrava-se preso. A resposta foi bastante simples e contundente: “*Ele faltou com a palavra!*”. Somente no dia seguinte, ao ler os jornais, soube que se tratava de um desvio de verbas. Com esta informação, assumi o ensejo de realizar um desvio de verbos.

¹ Referência direta a um trabalho criado concomitantemente ao “*Você me dá a sua palavra?*” intitulado “*Uma pá lavra*”. Uma das definições do verbo *Lavrar* em português, é “*Escrever de próprio punho*”.

Rosa da palavra

“Gosto do Pessoa na pessoa, do rosa no Rosa”. Proposição de Caetano Veloso em sua canção *Língua*, enfatizando: “Minha pátria é minha língua”.² Sendo assim, temos a nossa flor a regar todos os dias, exercitando a construção de uma linguagem específica, ainda em movimento de tessitura, tal qual a teia de uma aranha incansável e vaidosa de sua frágil seda. Nossas secreções trabalham. Rosa é um nome próprio, é uma flor, é uma proposição de vida, é uma atitude, é uma ideia. Em caráter associativo, poderíamos pensar que um prendedor de roupas de madeira é também barco e rio ao mesmo tempo, sendo um objeto que provoca diálogo com outros objetos e com sujeitos que dele se aproximam. Objeto comum, corriqueiro, fazendo-se pátria quando suporte da palavra.

Asa da palavra

A soma das palavras nas unidades de prendedores de roupa não é uma questão de contabilidade. A forma de apresentação deste trabalho estaria provavelmente mais próxima de uma vontade de perceber o que fica entre uma coisa e outra, após a disposição que justapõe objetos lado a lado. A cada apresentação surge algo cambiante, pois as palavras-prendedores, como palavras-chave de um texto, neste caso mudam de lugar. Rumo ao infinito, como a proposição artística do artista polonês Roman Opalka, intitulada “1965 / 1 – ∞”, torna-se muito mais uma carta de intenções, uma forma de dizer “I am still alive”, como o fez On Kawara, com sua série de cartões postais enviados desde 1966 a seus amigos e conhecidos, inseridos em sua prática artística conceitual.

Você me dá a sua palavra? torna-se assim uma forma de afirmar que o artista ainda está vivo, resistindo a todas as formas de massificação do pensamento. Aliás, percebo aqui uma estratégia subjetiva de acreditar na imortalidade, não como no mito de Sibila, com seus tantos anos de vida quanto os grãos de areia na concha de suas mãos, mas mais próxima a formulação de Jean Parvulesco, respondendo à pergunta da jornalista Patrícia, ambos personagens do filme de Godard: “Qual é a sua maior ambição na vida?” Resposta: “Tornar-me imortal, e depois, morrer.”³

² Fernando Pessoa: “Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que não me incomodassem pessoalmente. Mas odeio, com ódio verdadeiro, com o único ódio que sinto, não quem escreve mal português, não quem não sabe sintaxe, não quem escreve em ortografia simplificada, mas a página mal escrita, como pessoa própria, a sintaxe errada, como gente em que se bata, a ortografia sem ípsilon, como escarro direto que me enoja independentemente de quem o cuspiu. Sim, porque a ortographia também é gente. A palavra é completa vista e ouvida. E a gala da transliteração greco-romana veste-m'a do seu vero manto régio, pelo qual é senhora e rainha.” <http://www.revista.agulha.nom.br/1fpessoa013p.htm>

³ Jean Parvulesco é escritor e jornalista francês de origem romena, nascido em 1929, que decide fugir do regime comunista depois da segunda guerra mundial. Chegando na Iugoslávia, ele atravessa o Rio Danúbio a nado em julho de 1948. Graças a seus artigos sobre a Nouvelle Vague na França, ele aparece em alguns filmes de Jean-Luc Godard, tal como *À bout de souffle*, de onde transcrevemos o diálogo citado e cuja referência está em http://fr.wikipedia.org/wiki/Jean_Parvulesco.

“*Você me dá a sua palavra?*” inscreve-se como um projeto que me coloca em permanente diálogo com o cotidiano vivido. Mesmo inscrevendo-se como uma espécie de acumulação de objetos, não se pode dizer que o discurso fica estagnado. Tudo é pulsante, como palavras de um texto que ainda não está escrito. De alguma forma, desde a primeira palavra escrita, o processo de criação de uma narrativa não linear é acionado. Todas as palavras mudam de sentido a cada vez que outra é acrescida, principalmente quando ocorre a repetição. A palavra amor é a mais recorrente. Sempre ímpar, pois é manuscrita, cada palavra garante relações de espaço e tempo também únicas. *Uma rosa é uma rosa é uma rosa*, já propunha a escritora norte-americana Gertrude Stein. Assim também nos disse João Cabral de Melo Neto: “Flor é a palavra flor”, trazendo-nos nos níveis sintático e semântico, a autonomia do verbo. Em uma mesma linha contínua, encontramos geografias distantes, pessoas que já morreram, crianças que cresceram, e eu mesma, em uma única palavra escrita: obrigada.

Casa da palavra

Estamos no lugar das possibilidades infinitas. Mundo-abrigo, lembrando uma proposição do artista brasileiro Helio Oiticica. Espaço para morar e demorar. Tempo de pausa e parada. *Você me dá a sua palavra?* exige a interrupção do passo e a disponibilidade de tempo que muitas vezes não temos. Conforme mencionado anteriormente, a pergunta gera uma outra pergunta: *Qualquer palavra?* Aqui está aberto o mar das possibilidades. Qualquer palavra pode ser escrita nas partes visíveis do objeto, desde que ela seja legível. Uma palavra escrita na língua materna, que carregue o traço da origem de quem escreve. O caráter manuscrito já é a assinatura do autor. Trabalho coletivo, que se torna anônimo na medida em que não há o nome próprio escrito. Mas, o que é uma palavra? E quando esta é escrita para ser dada ao outro, o que produz como acontecimento? Trata-se de uma generosidade que coloca o mundo da linguagem em circulação. Há quem oferece a palavra e há quem se recusa a fazê-lo, isto é, quem retém o objeto em suas mãos, subtraindo-se assim da participação no trabalho do outro. “*Você me dá a sua palavra?*” é uma obra feita a partir de pequenas doações, e que abriga um babelismo. Babel, este é o nome da torre que tem sua construção interrompida, como uma fala inacabada, segundo o texto bíblico de Gênesis, quando Yahwé declara a impossibilidade de ter um nome próprio (Shem, em hebraico). Mas alguma coisa se passa entre a palavra e a escritura. O texto, de fato, ainda não está escrito.

Brasa da palavra

Todo o calor está no atrito entre a ponta da caneta e a superfície de madeira do prendedor de roupas. É desta forma que se marca, a ferro em brasa, pirógrafos da imaginação que somos, a história de um tempo que passa e que não podemos reter. “Querer reter o tempo é um ato de heroísmo”, diz a artista norte-americana Jenny Holzer, em um de seus aforismos apresentados em exposições de arte contemporânea. Podemos considerar o ato de escrever como um risco de fósforo, buscando a origem etimológica. A

palavra Fósforo vem do grego *phos*, que significa luz e de *phorein*, que pode ser traduzido por carregar, levar, ou seja, ser portador de luz. Sabemos o quanto um texto pode ser a lâmpada que carregamos em nossos percursos de criação artística, riscando com um fio de luz o traçado que nos permite seguir adiante. Se lermos atentamente o seguinte parágrafo de James Joyce, poderemos perceber o quanto a carbonização também pode vir a demonstrar não só a origem de cada um de nós, mas também o destino de algumas de nossas proposições de pesquisa relacionando a arte à literatura:

Assim como nós tecemos e teceremos nossos corpos — disse Stephen — dia após dia, suas moléculas se movendo de um lado para outro, assim também o artista tece e destece a sua imagem. E como o sinal no meu peito direito está onde estava quando nasci, embora todo o meu corpo tenha sido tecido sem parar com uma nova substância, assim também através do fantasma do pai inquieto a imagem do filho anulado olha à frente. No instante intenso da imaginação, quando o espírito — diz Stephen — é carvão desvanecente, aquilo que eu já fui é aquilo que eu sou e aquilo que dentro das possibilidades eu posso vir a ser. (Joyce 2005, 219)

Fora da palavra

Estar dentro ou fora da palavra, eis a questão. Ser tomado pela surpresa da pergunta *Você me dá a sua palavra?* E, supondo que a palavra seja dada, gerar mais uma vez uma rima sonora. Incorpora-se assim, como no movimento Dadá no início do século XX, o acaso do encontro e algum resquício da escrita automática dos surrealistas. Desprendo a palavra individual, retirando-a de um contexto íntimo e incorporando-a àquilo que ainda não tem forma fixa, mas que assume o caráter prático de um fio de varal suspenso, um arame esticado e fixo a partir de suas pontas, em um lugar onde seja possível amarrar este fio contínuo, sem rupturas, para que o fluxo das palavras-prendedores de roupas não seja rompido. Embora a cada apresentação todas as palavras mudem de lugar, tal qual as moléculas de nosso corpo, há sempre um fluir de vocábulos em distintos idiomas, algo que produz murmúrio e voz.

No ano de 2009, no Parc de Monsouris em Paris, ao realizar uma caminhada, deparei-me com palavras soltas no ar. Pelo menos foi esta a minha impressão, pois nas proximidades não havia ninguém, apenas bancos de praça, e alguns passantes ao longe. A medida em que eu caminhava, ouvia sussurros. O que estaria ocorrendo? Haveria alguém me chamando? Ou eu estaria ouvindo meus próprios pensamentos? No princípio, achei que poderia ser uma brincadeira, uma forma de chamar a atenção dos transeuntes. Continuei a caminhar, mas a voz sussurrante insistia em dizer algumas palavras que eu não entendia. Observei um objeto estranho sob certos bancos de praça alinhados, e deduzi que seriam os dispositivos sonoros em questão. Somente no final de um dos caminhos, li a placa indicativa, com os dados do trabalho do artista francês Christian Boltanski, concebida em 2006.

A obra sonora *Murmures* de Christian Boltanski estava situada no Parc de Monsouris nas proximidades da Cidade Universitária. O que o artista fez foi gravar uma

série de confissões amorosas enunciadas por estudantes de diferentes nacionalidades, em sua língua de origem. Um dispositivo sonoro foi colocado sob dez bancos do parque difundindo, assim, estes murmúrios. Uma proposição artística que toca, ao mesmo tempo, no caráter multicultural da capital parisiense e no contexto cosmopolita dos boulevares dos marechais.⁴ Christian Boltanski estaria, desta forma, pedindo e dando a palavra ao mesmo tempo? Na língua materna dos estudantes da Cidade Universitária de Paris, palavras de amor e de ternura já gravadas pelo artista, estão ali solicitando um tempo de pausa aos caminantes distraídos como eu. Somente em uma segunda volta no parque, me dispus a parar e sentar no banco, a fim de usufruir plenamente a proposta do artista. São poucos minutos de registro sonoro, mas suficientes para abrir a fresta entre o dentro e o fora de nossa realidade cotidiana. Murmúrio é o título do trabalho. Em francês, a sonoridade também favorece uma imagem de fronteira permeável: o vocábulo *mur*, em francês, significa muro ou parede em português. Já a palavra *mûre*, traduzida para nosso idioma, vem a ser maduro. Um muro maduro, uma parede mole, uma superfície já plena de marcas, raspagens, acidentes diversos e micro-organismos criados espontaneamente pelo tempo que passa. Uma escrita visível, um texto invisível, uma passagem do silêncio ao murmúrio do artista.

Francis Ponge, escritor e poeta francês, publica um texto em 1950 em que aponta o trabalho do artista enquanto obra que produz o efeito de nos fazer parar e nos reposicionar diante dos problemas causados pela fragmentação contínua de tempos e espaços no mundo contemporâneo. Tais objetos concebidos pelos artistas, que aparentemente não serviriam para nada na concepção do mundo mercantilista, acabam por provocar sentimentos tão intensos a ponto de nos reconstituir o gosto profundo pelo lazer e pelo prazer do repouso. Trata-se de “O murmúrio”, quando Ponge pontua claramente a função do artista enquanto aquela capaz de reintegrar o homem ao funcionamento do mundo em seu contexto cultural, social e político.⁵ Entre o silêncio paralisante e o murmúrio eloquente do artista, há o muro maduro das margens da palavra.

Tora da palavra

Aquilo que não havia, acontecia. Lembrando da proposição de Guimarães Rosa já citada neste texto, podemos concluir dizendo que o fato de nos mantermos entre margens nos faz existir de modo singular, desde que estejamos aptos ao labor de manutenção de uma ideia original. Tal como o exercício de estilo de Raymond Queneau, que nos conta 99 vezes a mesma história, um *fait-divers* parisiense banal como subir em um ônibus, por exemplo, nós também podemos nos permitir a repetição do ato de pedir uma

⁴ O Boulevard Jourdain é uma das avenidas do bairro 14 de Paris, que faz parte do conjunto chamado “pequena cintura” ou “Avenida dos Marechais”. Esta avenida recebeu o nome do Conde Jean-Baptiste Jourdan (1762-1833), marechal da França. A obra está instalada no lado do parque situado justamente no Bd. Jourdain.

⁵ O título “O murmúrio” é seguido por um subtítulo que nos interessa particularmente neste momento: “Condição e destino do artista”. PONGE, Francis. *Méthodes*. Paris, Gallimard, 1999, 153.

Imagem 3

Você me dá sua palavra?

Fotografia: Elida Tessler.

CC BY-NC-ND.



palavra escrita a um incontável número de pessoas, acreditando na reverberação crítica e política da palavra dada. A tora da palavra está ali, circulando pela cidade, para quem nela quiser se apoiar para não afundar na melancolia líquida do dia-a-dia. Tora-tronco, tora-corpo, tora-livro em rolo, como uma Torá na tradição judaica. O que inicia não finaliza: no fim, está o começo como uma estratégia de vida, com um murmúrio potente, um grito contra o homem-máquina que só faz repetir, repetir, repetir, sem estar atento ao que poderia ser diferente.⁶

⁶ Esta é uma referência ao verso de Manoel de Barros: “Repetir, repetir — até ficar diferente. Repetir é um dom do estilo” in: BARROS, Manoel. *Retrato do Artista quando Coisa*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Bibliografia

- Barros, Manoel. 2002. *Retrato do Artista quando Coisa*. Rio de Janeiro: Record,
Joyce, James. 2005. *Ulisses*. Tradução de Bernardina da Silveira Pinto. Rio de Janeiro: Objetiva.
Ponge, Francis. 1999. *Méthodes*. Paris: Gallimard.
Rosa, João Guimarães. 2001. “A terceira margem do rio”. In *Primeiras estórias*. RJ: Nova Fronteira.

Nota biográfica

Porto Alegre, 1961. Artista visual e pesquisadora. Graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul — UFRGS. (1984). Doutorado em História da Arte — Université Paris 1 — Panthéon — Sorbonne (1993). Professora aposentada da UFRGS. Fundou e coordenou, junto com Jailton Moreira, de 1993 a 2009, o Torreão — espaço de arte contemporânea em Porto Alegre. Pesquisadora do CNPq entre 2007 e 2016. Manteve o grupo de pesquisa .p.a.r.t.e.s.c.r.i.t.a. — textos de artistas e a presença da palavra em produções de arte contemporânea, como resultado de um crescente interesse — artístico e acadêmico — pela relação entre palavra e imagem. Realizou Pós-Doutorado junto à EHESS-Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales e junto ao Centro de Filosofia da Arte — UFR de Philosophie — Université de Paris I — Panthéon — Sorbonne (2009-2010).

ORCID iD

[0000-0001-6063-621X](https://orcid.org/0000-0001-6063-621X)

Lattes iD

<http://lattes.cnpq.br/9932044094837428>

Morada institucional

Hilário Ribeiro 21/802. Porto Alegre RS Brasil.
CEP 90510-040.

Artigo por convite Article by invitation